O VALOR DA EXPRESSÃO CONJUNTIVA COMO ELEMENTO REFERENCIAL NA CONSTRUÇÃO DA COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS

Jane Suely Souza de Araujo (UERJ)
jane.suely.araujo@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, apontaremos o funcionamento gramatical (coesão) e semântico (coerência) de expressões conjuntivas. A partir da análise do *corpus*, constataremos que algumas conjunções são resultantes de formas adverbiais, (GARCIA, 2002), o que justifica, por exemplo, o uso da conjunção *e* ou *mas* seguida de *no entanto*, como se pode verificar em "Até hoje não compreendi porque o futebol é um criador de multidões e o remo, não. E, no entanto, se compararmos uma modalidade e outra, verificaremos o seguinte:" (RODRIGUES, 2007a, p. 110). Nossa hipótese é a de que a conjunção ou expressão conjuntiva não constitui apenas uma relação fórica (anáfora e catáfora), mas também uma relação semântica. A expressão conjuntiva desempenha relevante papel na construção do discurso: unir, acrescentar ou reforçar a ideia expressa por palavras ou orações. Dutra (2007) afirma que os elementos conjuntivos expressam certos sentidos que pressupõem a presença de outros componentes no discurso.

1. Introdução

Neste trabalho, pretende-se observar o valor de expressões conjuntivas na construção da coesão e da coerência textual. A partir da hipótese de que o elemento conjuntivo desempenha dupla função na tessitura textual, consideraremos elemento conjuntivo toda palavra ou expressão que funcione como conector de palavra ou oração. Observaremos, ainda, a função discursiva dessas expressões, como índices de transição entre ideias, de conexão entre elas. (GARCIA, 2002)

Para que o texto seja uma unidade de comunicação eficaz, é necessário que se interliguem, harmonicamente, as ideias nele contidas.

Há diferentes maneiras de estabelecer a inter-relação entre as ideias. Uma simples pausa, marcada por um ponto seguido de um novo período, pode expressar uma relação de explicação ou de contraste, por exemplo. Constataremos, em nosso estudo, que o elemento conjuntivo é um recurso que pode, além de unir ideias, ser elemento eficaz para o estabelecimento da compreensão (intertextualidade, interdiscursividade). Concordamos que seja possível estabelecer a relação de sentido por meio da justaposição. Acrescentamos, no entanto, que o elemento de referência ou transição (conjunções, advérbios e respectivas locuções) conduz à coerência (construção do sentido) do texto. Para a confirmação de nossa hipótese, utilizaremos passagens de crônicas de Nelson Rodrigues (2007a e 2007b), em que tais marcas linguísticas se apresentem como elemento relacional e semântico.

2. Do plano da língua ao plano do discurso

O uso de elementos gramaticais segue motivações extralinguísticas. As expressões linguísticas são selecionadas de acordo com um propósito comunicativo. Entendemos que as palavras são instrumentos usados pelos falantes para evocar no ouvinte a interpretação desejada. (NEVES, 2007). O elemento gramatical une, organiza as ideias, serve, portanto, ao plano da expressão e ao plano do conteúdo. A língua não é apenas um elemento para estabelecer a comunicação. Ela constrói e amplia o conhecimento.

Para que haja interação entre os sujeitos, é necessário o conhecimento da estrutura do idioma, por meio do qual se estabelece a interação. Para Koch (2008), é preciso conscientizar o usuário da língua do valor argumentativo das marcas linguísticas dessa língua. É por meio da organização de estruturas previamente elaboradas que o falante poderá compartilhar o conhecimento. A compreensão vai depender do domínio dessas estruturas, do dito (ou não dito) expresso pela língua. É a gramática ou o elemento gramatical na construção do sentido.

Neste trabalho, apontamos a função discursiva de elementos gramaticais na construção da tessitura do texto. Selecionamos a expressão conjuntiva, já que, a partir dessas expressões, observaremos que o locutor estabelece uma relação com o sujeito interlocutor. Embora a atribuição de significado seja um ato motivado pela intenção do locutor, a organização das estruturas segue regras preestabelecidas. A organização de sintagmas obedece a princípios previstos no sistema. Ao construir um enun-

ciado, o locutor o estrutura com base no conteúdo que deseja transmitir. Se a intenção é apontar a causa de um evento, selecionamos o conector adequado para expressar esse conteúdo.

Veja-se a função discursiva dos elementos conjuntivos *para* e *como*, na organização dos enunciados:

"Fiz a introdução para referir certa viagem de ônibus. Precisava ir à rua Mariz e Barros. Como tinha pouco dinheiro no bolso, apanhei um ônibus e lá vim eu, em pé, pendurado numa argola". (RODRIGUES, 2007b, p. 33)

Apresentam-se, no primeiro período, as afirmações: *Fiz a introdução* e *referir certa viagem de ônibus.* O locutor reúne essas duas afirmações estabelecendo a relação de finalidade da segunda em relação à primeira, por meio da preposição *para.* A primeira oração do primeiro período funciona, nesse fragmento de texto, como referencial anafórico e, também, como 'elemento de ligação' com os parágrafos anteriores. A preposição *para* estabelece a relação de dependência gramatical e semântica entre as duas primeiras orações, o que também se constata em "Precisava ir à rua Mariz e Barros. Como tinha pouco dinheiro no bolso, apanhei um ônibus e lá vim eu, em pé, pendurado numa argola", construção na qual, pode-se observar um ponto separando a afirmação principal do enunciado que expressa a causa da afirmação contida no período anterior. A conjunção *como* funciona como modalizador referencial catafórico que expressa a causa da afirmação "apanhei um ónibus" na organização desse trecho.

3. A expressão conjuntiva: ícone gramatical-discursivo

3.1. Da descrição de conjunção

Nesta seção, observaremos, na descrição de conjunção, o funcionamento dessa classe como elemento que 'liga' palavras ou orações. A partir da descrição de autores como Bechara (2009), Garcia (2002) e Neves (2007), comprovaremos que há expressões (expressões adverbiais, por exemplo) que podem desempenhar a função de unir e ampliar o conteúdo de palavras ou orações.

Encontramos, em Bechara (2009 p. 319), a seguinte descrição de conjunção: "A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado."

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: coordenativas e subordinativas.

Bechara acrescenta que as conjunções coordenativas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático. O autor esclarece que, como as conjunções coordenativas unem elementos independentes (gramaticalmente), podem também conectar elementos menores. Apresenta a conjunção coordenativa como conector e a subordinativa, como transpositor. De acordo com a descrição de Bechara, a conjunção coordenativa conecta orações e nomes de mesma natureza gramatical, enquanto que a conjunção subordinativa é um transpositor que dá à oração a possibilidade de exercer uma função sintática própria do substantivo, do adjetivo e do advérbio.

Para o autor, ao utilizarmos o transpositor, unimos ideias ou construções, em princípio independentes, para a formação de uma unidade significativa mais ampla, o que se pode confirmar no excerto seguinte:

> Um colunista diário falha, de vez em quando. Ou porque tomou férias, ou teve nevralgia, ou foi batizar o caçula. E o nosso estilista não falhou, jamais. Compareceu, dia após dia, no mesmo canto da página. Pois bem. E durante os dez anos, Marques Rabelo fora, para mim, o ausente absoluto. Ausente da paisagem literária, jornalística ou, simplesmente, humana. Eu já me daria por satisfeito se ele fosse, ao menos, uma lembrança. Mas nem isso. Através dos dez anos, eu me lembrara de tudo e de todos, menos do ficcionista. Ainda agora me pergunto: – e por que, meu Deus, por quê? (RODRIGUES, 2007b, p. 220)

O enunciado “Um colunista diário falha, de vez em quando.” aparece, num primeiro momento, como afirmação independente, do ponto de vista sintático. Observe-se que o ponto expressa a pausa, que pode sugerir o ritmo psicológico ao texto. Pensamos que essa pausa conduz o interlocutor a refletir sobre o enunciado seguinte, que apresentará uma alternância de causas hipotéticas para a afirmação “Um colunista diário falha, de vez em quando.”. Temos, pois, o conector *ou*, e, em seguida, o transpositor “causal” *porque*, que sugere ao enunciado, a princípio, independente, a ideia de causa.

Bechara, ao descrever as conjunções, dá ênfase ao viés sintático. Para nós, tanto os conectores (conjunções coordenativas) como os transpositores (conjunções subordinativas, advérbios e respectivas locuções) são responsáveis pela organização sintática e semântica do texto, já que é na combinação da coesão e coerência textual que se dará a tessitura do texto. Coesão e coerência possuem limite bastante tênue.

De acordo com Neves (2007, p. 244),

> A chamada *conjunção coordenativa* – assim como a chamada *conjunção subordinativa* – tem sido definida nas gramáticas apenas por referência ao estatuto sintático dos segmentos entre os quais ocorre: a conjunção coordenativa 'liga' elementos de igual estatuto sintático e a conjunção subordinativa 'liga' um termo subordinado ao seu subordinante.

Neves propõe uma mudança de perspectiva em que se privilegiem as ocorrências de coordenação entre frases completas de textos escritos, marcadas por pontuação específica de final de frase, como se pode observar nos trechos seguintes:

> Ai de mim, ai de mim! Ao falar de. D. Hélder, não posso evitar um agudo sentimento de culpa. E, com efeito, nos meus últimos escritos tenho opinado muito sobre o nosso Arcebispo. Admiro-o muito e só lhe faço a objeção da vaidade. Quer me parecer que a vida de D. Helder é uma perene, exaustiva autopromoção. Está agora dedicado à Fome do Nordeste, e por quê? Resposta: – porque a Fome do Nordeste é promocional e, repito, rende entrevistas, primeiras páginas, manchetes, retratos, pronunciamentos etc. Era esta minha opinião.

> Mas, vejam vocês: – o sujeito que opina põe em risco a própria alma. Cada opinião compromete ao infinito. A história do sentimento ensina que a vaidade da véspera pode ser a humildade do dia seguinte. Pois foi o que aconteceu com D. Hélder. Na quarta-feira, alguém me informou o seguinte: – D. Hélder vai trocar a Fome espetacular do Nordeste pela Fome tão esquecida do Amazonas. Como se vê, é um adeus à publicidade, às manchetes, às primeiras páginas, às câmaras e aos microfones. Ninguém está interessado no Amazonas. (Lá até a paisagem é uma agressão. Há rios doidos que desgarram do leito obrigatório e rebentam tudo. Esse *amor* fluvial não faz graça para ninguém). Não há dúvida que, optando pelo Amazonas, está punindo a própria vaidade. E, por isso, que Deus o abençoe, eternamente. (RODRIGUES, 2007b, p. 221)

Os excertos acima foram retirados da crônica "É aluna da PUC e desapareceu como se jamais tivesse existido", em que o autor desenvolve o tema *ausência*. Para facilitar o entendimento, intitularemos essa duas passagens de trecho I e trecho II.

Nesse contexto, observa-se a relevância do conector *mas* como índice da coesão textual. Semanticamente diríamos que *mas* modaliza a afirmação "o sujeito que opina põe em risco a própria alma" expresso pela combinação dos elementos do período. O modalizador liga este parágrafo ao parágrafo anterior e reforça o enunciado que vem após o conector. É duplamente fórico. É anafórico porque remete ao que foi dito no parágrafo anterior e catafórico porque modaliza o enunciado seguinte.

Veja-se a astúcia do escritor, ao construir o último enunciado do trecho I. Encerra o parágrafo categoricamente: "Era esta minha opinião". Após descrever atitudes de D. Helder, Rodrigues articula as ideias e conduz o interlocutor ao raciocínio previamente elaborado. Ademais, quebra

a expectativa do interlocutor. O conteúdo que o autor deseja transmitir vai muito além do esperado. Rodrigues emite sua opinião e justifica a posição expondo características do líder religioso, dentre outras, a vaidade.

No prefácio de *O Reacionário: Memórias e Confissões* (RODRIGUES, 2008, p. 18), obra em que o autor assume o título dado a ele pela sociedade, Carlos Heitor Cony estabelece um paralelo entre Machado de Assis e Nelson Rodrigues, no qual escreve "Ninguém poderá negar o pessimismo de um e o reacionarismo de outro. Foram réus confessos. E não apenas no conteúdo de suas obras, mas *na forma de escrevê-las***.**" (grifos nossos)

Cony aponta que, assim como em Machado, constata-se em Nelson Rodrigues a relevância da forma para a construção do discurso, o que tornou ambos reconhecidos. Isso está evidenciado em *Era esta minha opinião*, na qual o autor apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo acompanhado dos pronomes *esta* e *minha*. Usa o pronome *esta* porque era a opinião do locutor. *Esta* reforça o pronome possessivo minha. Essa construção torna-se mais significativa, quando nos deparamos com o trecho iniciado pelo conector *mas*, o que pressupõe mudança de opinião. A conjunção funciona ainda como "reforço" do dito *vejam vocês*. Considerada a classificação conjunção coordenativa adversativa, pode-se afirmar que *mas* apresenta a ideia de contraste em relação à informação do parágrafo anterior.

Ainda no desenvolvimento do trecho I, constata-se a apresentação de *por que* (pronome interrogativo antecedido pela preposição *por*) e *porque*, num jogo discursivo sugestivo. O locutor articula: "Está agora dedicado à Fome do Nordeste, e por quê? Resposta: – porque a Fome do Nordeste é promocional e, repito, rende entrevistas, primeiras páginas, manchetes, retratos, pronunciamentos etc."

Dutra (2007) escreve:

> Os elementos conjuntivos são considerados coesivos não por eles mesmos, mas indiretamente. Eles expressam certos sentidos que pressupõem a presença de outros componentes no discurso; são uma especificação do modo como o que virá a seguir, na linearidade do texto, está sistematicamente ligado ao que veio antes.

A partir da afirmação de Dutra, veja-se a relevância da indagação do locutor, que, imediatamente direciona o universo interpretativo do interlocutor. Observe-se a conexão de "Está agora dedicado à Fome do

Nordeste" e a indagação a essa afirmação, que está expressa em "por que" e tem como elemento conector a conjunção coordenativa *e*.

Observe-se a afirmação de Azeredo (2010, p. 293):

> há sempre uma intenção de sentido na origem de qualquer articulação de duas unidades de informação do discurso. Algumas vezes essa intenção transparece como um valor lógico inerente aos conteúdos combinados (ex.: *o contraste em Os cães ladram, a caravana passa*.)

De acordo com a afirmação de Azeredo, entendemos que as conjunções apontam ou reforçam o valor lógico inerente aos conteúdos, o que se pode verificar na construção "porque a Fome do Nordeste é promocional e, repito, rende entrevistas, primeiras páginas, manchetes, retratos, pronunciamentos, etc., etc.", na qual Rodrigues coloca o sintagma *Fome do Nordeste* com os substantivos iniciados por letras maiúsculas, o que sugere uma instituição. Em seguida, enumera atributos dessa instituição. Observe-se que o autor faz referência à vaidade do líder religioso, ao utilizar a conjunção coordenativa aditiva *e* acompanhada da forma verbal *repito*.

Verificamos na construção do período iniciado pela conjunção *porque* a presença do interdiscurso. É possível afirmarmos que o locutor (Rodrigues) aponta para o interlocutor (leitor-es) que as tragédias sociais são utilizadas para a conquista do poder, seja religioso, político, social.

Entendemos que a compreensão acontece a partir do universo do interlocutor. A conclusão da informação se dá de acordo com o conhecimento de mundo do leitor. Observe-se que Rodrigues usa a marca causal *porque* e constrói o sintagma Fome do Nordeste.

Koch (2008) aponta a relevância de instruir o aluno sobre a importância do conhecimento de fatos gramaticais para o entendimento (compreensão) do texto. Eis uma das aplicações do uso de maiúsculas, pouco explorado no ensino de língua portuguesa. Rodrigues combina fatos da língua, com propriedade. Observe-se, na combinação "e, repito", um recurso de retomada do que já fora dito. O autor critica e chama a atenção do interlocutor para a linguagem do texto, por meio de retomadas e expressões como *repito*. Diríamos que se apresenta em "e, repito" um pleonasmo semântico (estilístico) de valor enfático, já que retoma o que fora dito e utiliza a conjunção aditiva *e*.

Transcrevemos os dois últimos períodos da crônica em análise, para observarmos a presença do interdiscurso na combinação das expres-

sões presentes no excerto: "Não há dúvida que, optando pelo Amazonas, está punindo a própria vaidade. E, por isso, que Deus o abençoe, eternamente." Rodrigues retoma o atributo de D. Helder com uma negação da dúvida, o que discursivamente é mais significativo do que tradicionalmente afirmar. O transpositor *que* apresenta a oração subordinativa completiva nominal *está punindo a própria vaidade*. Vejam-se quantos discursos atravessam a afirmação dessa construção. O autor seleciona expressões que transmitem a tensão do modo de organização argumentativo.

Observamos, na crônica "É aluna da PUC e desapareceu como se jamais tivesse existido", a recorrência de elementos conjuntivos com fins argumentativos. Apresenta-se, por meio da articulação da conjunção *mas*, a presença de um dado 'novo' que se encontra em contraste com o que foi dito no parágrafo anterior.

4. Elemento conjuntivo: a natureza adverbial dos conectores

De acordo com Neves (2002), não é difícil entender que os elementos adverbiais usados para a coesão sequencial do texto passem a conjunções de coordenação. A autora aponta a coocorrência de elementos, como *todavia, contudo, entretanto,* com as conjunções coordenativas *e, mas*, como ilustrado em:

> Até hoje não compreendi por que o futebol é um criador de multidões e o remo, não. E, no entanto, se compararmos uma modalidade e outra, verificaremos o seguinte: – o remo é muito mais bonito e devia ser muito mais apaixonante. (RODRIGUES, 2007b, p. 110).

Constata-se, no excerto acima, o uso da conjunção coordenativa *e* acompanhada da locução conjuntiva coordenativa adversativa *no entanto*, o que confirma a posição de Neves de que algumas conjunções ou locuções conjuntivas são de natureza adverbial.

Se considerarmos outros escritos de Rodrigues, entenderemos que "Até hoje não entendi por que o futebol é um criador de multidões e o remo não" é extremamente retórico, já que, para o autor, a imagem do Brasil esteve diretamente ligada ao futebol, o que se encontra colocado no sintagma "pátria de chuteiras", de autoria de Rodrigues.

Veja-se a teorização de Garcia em relação à natureza sintática das conjunções coordenativas e ao uso dessas conjunções numa mesma oração.

> As conjunções coordenativas (algumas das quais ligam também palavras ou grupo de palavras – sintagmas – e não apenas orações) relacionam *ideias com um grau de travamento sintático por assim dizer mais frouxo* do que o das subordinadas. (GARCIA, 2002, p. 42). (grifos nossos)

Ainda, no mesmo autor, encontramos respaldo para o uso de *e* seguido de conjunções coordenativas adversativas.

Garcia nos aponta a origem adverbial das conjunções coordenativas que, pelo processo da gramaticalização[71], passaram a conjunções. O autor explica: "Ainda hoje, os dicionários da língua portuguesa, de Antônio de Morais Silva, quer na 1ª ed. (1789) quer na 6ª (1858), até mesmo o *porém* aparece como advérbio."

A exposição de Garcia justifica a organização do parágrafo construído por Rodrigues e que serve de ilustração para a descrição dos teóricos (Neves e Garcia).

Prossegue Garcia: "por serem essencial e etimologicamente advérbios, é que *no entanto*, *entretanto*, *contudo* e *todavia* aparecem, frequentemente precedidos da conjunção *e* (p. 44). O teórico aborda a dificuldade de classificação das orações em função do uso da aditiva *e* e a adversativa *no entanto*. Como classificar a oração: aditiva em função do *e* ou *adversativa* em função de *no entanto*?

Retomado o excerto de Rodrigues, entendemos que, no segmento "E, no entanto, se compararmos uma modalidade e outra, verificaremos o seguinte: – o remo é muito mais bonito e devia ser muito mais apaixonante.", apresenta-se, por meio do conector *e*, a ideia de adição ao período anterior "Até hoje não compreendi por que o futebol é um criador de multidões e o remo, não." E *no entanto*, originariamente advérbio, apresenta o contraste existente entre a oração principal "verificaremos o seguinte ...não." e a subordinada, por justaposição, *o remo é muito mais bonito* e *devia ser muito mais apaixonante*." Observe-se a relevância da justaposição, que coloca, no elemento catafórico *seguinte*, não só a função de apontar, como também a de enfatizar a opinião do autor em relação à afirmação: *O futebol é um criador de multidões*.

Considerada a função discursiva do uso do conector *e* e a do uso de *no entanto*, pode-se afirmar que Rodrigues (2007b) pretende realçar o

[71] Numa visão bem ampla, a gramaticalização é o resultado de pressões do sistema e pressões de ordem comunicativa, em contínua competição, que comandam uma constante acomodação da gramática, governando o mais fundamental. (NEVES, 2002, p. 176)

contraste existente entre a ideia expressa em *o futebol é um criador de multidões e o remo, não* e *o remo é muito mais bonito e devia ser muito mais apaixonante.* Rodrigues argumenta para reforçar sua opinião em relação à superioridade do remo (em comparação com o futebol). Entretanto, tira de si a responsabilidade, ao intercalar entre duas orações, supostamente opostas, uma cláusula adverbial condicional, que aponta a comparação entre as duas modalidades esportivas: remo e esporte. Seleciona a forma verbal flexionada na primeira pessoa do plural para tornar o leitor cooperador do discurso.

Vejamos a riqueza de atributos apontados para remo, no período seguinte a afirmação de que *o remo devia ser muito mais apaixonante.*

> Tudo o valoriza: – o mar, o horizonte, o barco, o céu. De resto, a figura do remador tem, atrás de si, um tremendo passado oceânico. Não importa que, por vezes, ele sulque as águas cordiais e sedativas de uma lagoa, como a nossa Rodrigo de Freitas. Seja como for, o remador está ungido de sal, vento, de Sol, de Lua, como os nautas camonianos. Como explicar que a multidão prefira uma simples pelada à regata mais emocionante?

Nossa proposta é observar o funcionamento do elemento conjuntivo. A partir do estudo do uso de conectores e transpositores, podemos constatar que a tessitura textual, que irá trazer, como resultado, a coerência, é construída pela organização dos elementos que "ligam" as ideias expressas pelo léxico.

De acordo com Garcia (2002, p. 267)

> Quando o estudante aprende a concatenar ideias, a estabelecer suas relações de dependência, expondo seu pensamento de modo claro, coerente e objetivo, a forma gramatical vem com o mínimo de erros que não chegam a invalidar a redação. E esse mínimo de erros se consegue evitar com um mínimo de "regrinhas" gramaticais.

O dizer de Garcia mostra a relevância da organização de ideias. Não basta reconhecer os elementos conjuntivos e seu significado, se não souber utilizá-los como elementos concatenadores de ideias.

No tocante à sintaxe das orações, O ensino de língua portuguesa tem dado ênfase à classificação das orações a partir do sentido do elemento conjuntivo. É comum a prática de apresentar primeiro a classificação das conjunções, para depois se falar em período composto.

Ressalte-se a crítica ao ensino do período composto feita por Neves e Garcia, em que os autores falam da pouca importância dada à justaposição na descrição tradicional.

5. *Considerações finais*

A partir do estudo do *corpus*, constatamos o uso de combinações de expressões linguísticas não acolhidas pela norma gramatical. É cabível observar que o autor de "O Reacionário" nos aponta que o idioma é patrimônio dos falantes. Rodrigues reagiu ao 'estabelecido' não só no conteúdo, mas também na forma. Por meio de estruturas inusitadas, e, por muitos, condenadas, o autor conseguia conduzir o leitor a pensar em situações e valores cristalizados, como podemos constatar no segmento "Até hoje não compreendi por que o futebol é um criador de multidões e o remo, não. E, no entanto, se compararmos... apaixonante". (RODRIGUES 2007b, p. 110) A sequência *e, no entanto* sugere adição e contraste, respectivamente. No conjunto, poderíamos ainda compreender a ideia concessiva, já que, embora o remo apresente atributos, de acordo com Rodrigues, superiores ao futebol, a paixão do brasileiro por este é superior à paixão nutrida por aquele.

As duas crônicas selecionadas para *corpus* mostram a presença do interdiscurso por meio do elemento conjuntivo. Mostram, ainda, que cada leitor constrói o discurso de acordo com o conhecimento de mundo, já que para entender a motivação de Rodrigues em relação à preferência do brasileiro pelo futebol, faz-se necessário ter informação sobre a relação do brasileiro com a pátria e com o futebol, o que aparece no sintagma A *pátria de chuteiras*[72], organizado pelo cronista.

Observe-se a relevância do elemento conjuntivo "até hoje", no excerto da crônica, transcrito no parágrafo anterior. É um elemento duplamente fórico, pois se apresenta em *até hoje* a referência ao momento anterior e ao momento de fala do locutor. Essa marca funciona como marca de coesão e coerência textual. É mais uma evidência da natureza adverbial das conjunções (ora vista como elemento ou expressão conjuntiva), conforme Garcia (2002) e Neves (2007) apontam ao descreverem as conjunções coordenativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

[72] Título de uma coletânea de crônicas do autor (RODRIGUES, 2013)

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 21 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática*: história, teoria, análise e ensino. São Paulo: UNESO, 2002.

_____. *Texto e gramática*. 1. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto. 2007.

RODRIGUES, Nelson. *O óbvio ululante*: as primeiras confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2007a.

_____. *O berro impresso nas manchetes*. Rio de Janeiro: Agir, 2007b.

_____. *O reacionário*: memórias e confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

_____. *Pátria de chuteiras.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2013.